

A REDE DOS ANARQUISTAS ITALIANOS EM SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX¹

Carlo Maurizio Romani

- Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, desde 2010. Professor visitante de História Geral na Universidade Federal do Ceará de 2007 a 2009. Pesquisador recém-doutor do Centro Brasileiro de Planejamento, Cebrap, São Paulo de 2004 a 2006. Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (2003); Estágio pós-doutoral (2006) na Universidade Paul Cezanne, Aix-Marseille III, Aix-en-Provence, França.

Bruno Corrêa de Sá e Benevides

Formação: Doutorando de História na Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ; Mestre em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO (2018). Graduado em História pela mesma instituição (UNIRIO, 2015). Experiência Profissional: Professor na rede privada do Ensino Básico.

Resumo: O fluxo migratório de anarquistas italianos, tendo como destino o cone Sul-Americano, fez parte das redes transnacionais construídas pelos militantes, especialmente entre o final do *dezenove* e início do século XX. O encontro de muitos anarquistas italianos em São Paulo permitiu a criação de vários grupos de afinidades para o aperfeiçoamento da propaganda. Através das análises biográficas dos principais anarquistas que escreveram no periódico *La Battaglia* (Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai, Angelo Bandoni, Tobia Boni e Gigi Damiani), pretendemos demonstrar que tais relações de afinidades foram mediadas a partir das identidades sociais desses ativistas. Nos últimos anos, os anarquistas italianos em São Paulo têm sido classificados como sendo individualistas por uma nova historiografia que não é capaz de investigar as peculiaridades deste grupo. Portanto, esta proposta compartilha a ideia de que o anarquismo transatlântico, em razão de sua complexidade, apenas pode ser compreendido por análises específicas.

Palavras-chave: anarquismo; imigração italiana; transnacional; biografias; São Paulo

1- O artigo é a versão em português do paper apresentado pelos autores no Congresso *Transatlantic Socialists and Anarchists in the 19th and 20th Centuries: Between New Freedom and Forced Integration*, realizado em Würzburg, Alemanha de 30 de junho a 1º de julho de 2017.

Abstract: The Italian anarchist immigration to the South American cone was part of transnational networks built by the anarchist activists, especially in the end of the 19th and the beginning of the 20th centuries. The encounter of many Italian anarchists in São Paulo allowed the creation of several affinity groups working together to improve the propaganda. Through the biographical analysis of the principal anarchists writing in *La Battaglia* (Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai, Angelo Bandoni, Tobia Boni, Gigi Damiani), we intend to show that the affinity relationships were mediated by the social identities of the activists. In the last years, the Italian anarchists in São Paulo have been classified as individualists by a new historiography which isn't able to investigate the singularity of this group. Therefore, this proposal shares the idea that, due to its complexity, the transatlantic anarchism can only be understood by specific analysis.

Key words: anarchism; Italian immigration; transnational; biographies; São Paulo

Apresentação

É impossível pesquisar o movimento dos trabalhadores no Brasil, em seus anos iniciais, distante de uma abordagem transnacional que envolva os imigrantes pertencentes às esquerdas. A atenção não deve ser direcionada apenas às relações estabelecidas nos territórios de origem, mas precisa, da mesma forma, incluir as redes de afinidades entre trabalhadores e militantes de países sul-americanos. Visto deste modo, um estudo sobre as origens do movimento operário brasileiro requer a compreensão das práticas políticas transnacionais a partir de imigrantes italianos e ibéricos e, além disso, a circulação de ideias e de militantes no país, na Argentina e no Uruguai.

No início do século XX um forte movimento operário emergiu em São Paulo, a cidade industrial mais importante do Brasil. Quando tentamos identificar as redes de militantes nesta cidade, percebemos que a participação do imigrante italiano foi essencial para o seu desenvolvimento (HALL, 1975; TRENTO, 1984). De fato, é impossível falar em movimento operário nessa região antes do final do século XIX, quando a maioria dos italianos emigrados ao país partiram das zonas rurais em direção às áreas urbanas. O intenso fluxo de estrangeiros provenientes da Itália foi responsável por trazer muitas ideias anarquistas e socialistas, que aterrizaram no solo brasileiro em um contexto marcado pela mingua de proposições políticas pertencentes à esquerda.² Portanto, as

2- Para uma abordagem geral, consultar: HATTON; WILLIAMSON, 1998: 101.

ações mais visíveis foram tomadas por anarquistas e por grupos socialistas revolucionários, cujos militantes foram responsáveis pela edição de vários jornais impressos desde meados da década de 1890 e pela organização de inúmeros círculos sociais fundados no início do novo século (TRENTO, 2001: 102-120 e TOLEDO; BIONDI, 2010: 363-93). Neste ensaio, vamos nos concentrar na influência do anarquismo italiano nas primeiras organizações operárias do Estado paulista.

Para estudar o anarquismo italiano, uma abordagem transnacional não é apenas uma alternativa, mas, segundo Davide Turcato, a maneira necessária e mais eficaz de perseguir seu impacto no exterior (TURCATO, 2007: 407–44).³ Ao rastrear a genealogia do movimento libertário italiano, somos geralmente direcionados para os primeiros contatos que aconteceram no interior da AIT, a Associação Internacional de Trabalhadores, e a ruptura entre Karl Marx (1818-1883) e Carlo Cafiero (1846-1892), um ativista italiano que seguiu as proposições de Bakunin e a Internacional autonomista surgida após o fim daquela centralista, em 1872 (MASINI, 2014). Os principais ativistas italianos na AIT, especialmente Cafiero, Errico Malatesta (1853-1932) e Andrea Costa (1851-1910) tornaram-se propagandistas do socialismo não-autoritário (ou anarquismo) e construtores das seções da AIT na Itália durante a década de 1870.⁴

A estreita relação entre os italianos e muitos ativistas internacionalistas da Federação do Jura, baseada na Confederação Suíça, traduz a característica transnacional do anarquismo italiano desde suas origens. Além disso, a implacável perseguição da polícia da Itália contra todos os ativistas internacionalistas das seções da AIT e, nos anos seguintes, contra todos os propagandistas do anarquismo, obrigou-os a fugir para países estrangeiros. De preferência, os militantes fugitivos encontraram refúgio nos países vizinhos, em primeiro lugar a Suíça, e depois a França e a Bélgica. Por outro lado, esses indivíduos exilados passaram a fazer parte da diáspora transatlântica nos países da América do Norte e do Sul, às vezes superando seus laços tradicionais, mas sem nunca esquecer as práticas originais.

3- Para informações gerais sobre o anarquismo italiano desde a AIT até a ditadura fascista, cf.: LEVY, 1989.

4- Um estudo amplo foi feito por MASINI, 1974. Para os ativistas italianos no interior da AIT, ver: MARINI, 2017. Depois de contínua perseguição policial durante toda a década de 1870, com muitas prisões em toda a Itália, Andrea Costa decidiu mudar de posição e se tornou uma das mais importantes lideranças do Partido Socialista Italiano. Cf.: PERNICONE, 1993: 166-78, capítulo 8, “The defection of Andrea Costa 1879-1888”.

Como mencionado, as redes transnacionais construídas por ativistas anarquistas no final do século XIX e início do XX já são muito conhecidas pela historiografia especializada. Diferentes tipos de estudos se concentraram não apenas na América do Norte, mas também em muitos países latino-americanos, como México, Argentina, Uruguai e Brasil.⁵ A maioria dos trabalhos se dedica à compreensão do movimento operário, entretanto existem pesquisas voltadas para o entendimento das redes culturais e da proposição de uma educação libertária.⁶ A imigração anarquista italiana para o cone sul-americano fez parte dessa história transatlântica, apoiando sindicatos, imprensa operária e desenvolvendo escolas anarquistas, sendo estudada em muitas dessas e outras obras (BAYER, 2003: 136-52 e ROMANI, 2015).

Na época das grandes migrações europeias, o Brasil era um importante local receptor de imigrantes e anarquistas italianos. Esses ativistas conceberam o anarquismo de maneiras diferentes, baseado não apenas em conceitos ou ideias, mas também fortemente influenciados por suas origens de classe e suas identidades culturais e regionais. O encontro de muitos militantes em São Paulo permitiu a criação de vários grupos de afinidades trabalhando e apoiando uma importante agenda de propaganda política.

Um desses esforços resultou no jornal *La Battaglia*, um periódico muito popular e duradouro, teve mais de 360 números publicados quase que ininterruptamente durante nove anos desde sua primeira aparição, em junho de 1904 (BIONDI, 1998: 117-149). Luigi Biondi ressaltou a percepção etnocêntrica que o grupo de anarquistas italianos reunidos em torno do *La Battaglia* possuía sobre o Brasil. Não pretendemos contradizer a interpretação do autor, mas, à luz de uma abordagem diferenciada, a nossa proposta visa capturar as identidades regionais da rede anárquica construída no exterior e como tais laços interferiram nessa percepção.

Através das análises biográficas dos anarquistas que mais frequentemente escreveram naquele jornal, Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai, Angelo Bandoni, Tobia Boni e Gigi Damiani (que inicialmente se autodenominaram grupo *La Propaganda*),

5- Uma visão geral sobre o anarquismo latino-americano: para o caso argentino, cf.: SURIANO, 2001; RIVERA, 1996; OVED, 1997; para o caso brasileiro: MARAM, 1979; MAGNANI, 1982; para o México, ver: MACLACHLAN, 1991; HART, 1987 e para o Uruguai, conferir: ZUBILLAGA, 1996.

6- Um caso comparativo entre o México e a Argentina foi feito por: ACRI; CÁCEREZ, 2011. Para redes de ensino brasileiras e argentinas no início de 1900, ver ROMANI, 2014.

pretendemos mostrar que as relações de afinidades, mesmo no movimento transnacional, eram mediadas pelas identidades sociais originais dos ativistas. Assim como Bandoni, nascido na Córsega, mas vivendo a maior parte de sua juventude na península itálica, esses homens nasceram ou cresceram na Itália central. Os quatro primeiros na Toscana, fator capaz de tornar este grupo muito unido, e Damiani em Roma. Suas trajetórias pintam um quadro mais ou menos similar. Todos vinham de classes sociais subalternas com poucas ou nenhuma fontes materiais. Por exemplo, Ristori era filho de trabalhadores diaristas e o pai de Bandoni era um artesão. Todos encontraram o anarquismo em sua juventude e passaram pelas prisões do Reino e no *domicilio coatto*,⁷ onde obtiveram uma formação política mais sólida através do contato com outros militantes italianos de maior proeminência. Também é possível identificar pontos de similaridades nas práticas de ações individuais (comuns nas classes sociais mais baixas) em determinado momento de suas vidas. Na fase adulta, mudaram de posição para ideias anarquistas-comunistas, inspiradas no pensamento de Errico Malatesta, mas sempre preservando a característica rebelde diante de todo tipo de autoridade (RICHARDS, 2015: 27-30).⁸

Surpreendentemente, nos últimos anos, o grupo heterodoxo de *La Battaglia* foi diminuído e pejorativamente classificado como insurrecionalista ou individualista por vários historiadores, seguindo a tese lançada por Lucien Van der Walt e Michael Schmidt (2009: 132).⁹ Esta recente historiografia, que se proclama anarquista, adotou uma concepção estruturalista da história ao generalizar e dividir, de forma restrita, o anarquismo global em duas correntes distintas: uma antiorganizacional e insurrecionalista e outra organizacional e sindicalista. Fortemente baseada em sua própria posição ideológica, esta perspectiva histórica não tem sido capaz de destacar as singularidades existentes em diferentes nações, movimentos e grupos, na contramão do que a história social tem produzido desde Thompson¹⁰. Deste modo, percorrendo o caminho da história

7- *Domicilio coatto*: a prisão domiciliar italiana. Uma categoria de prisão, geralmente em pequenas ilhas próximas ao continente, e muitas vezes usadas durante o período de existência da Internacional até o século XX.

8- Para um estudo mais profundo cf.: TURCATO, 2017.

9- No Brasil, vários trabalhos que seguem essa interpretação vêm negligenciando ou subestimando a importância do *La Battaglia*, o mais importante jornal anarquista publicado no Brasil na década de 1900. Por exemplo, o trabalho de CORRÊA, 2011.

10- No Brasil, vários trabalhos que seguem essa interpretação vêm negligenciando ou subestimando a importância do *La Battaglia*, o mais importante jornal anarquista publicado no Brasil na década de 1900. Por exemplo, o trabalho de CORRÊA, 2011.

social, e seguindo a interpretação de Turcato sobre o movimento libertário italiano, pretendemos enfatizar que “uma análise transnacional revela novas formas de integração, continuidade e organização, baseadas na mobilidade de militantes, recursos e ideias através do Oceano Atlântico”, sugerindo também que uma compreensão plural do anarquismo é fundamental para o seu pleno entendimento, isso em razão da sua capacidade de reunir diferentes práticas de organização a cada caso específico (TURCATO, 2007: 407).

O Anarquismo Italiano no Brasil

A ideia do anarquismo como uma planta exótica foi uma tese anedótica desenvolvida e difundida pelas elites políticas brasileiras no início do século XX para explicar a impossibilidade do seu florescimento em terras brasileiras (FAUSTO, 1976: 67-8). Grande erro, pois em menos de 20 anos, liderado por grupos anarquistas que atuaram dentro e fora dos sindicatos, o movimento dos trabalhadores organizou diversas greves, sendo a principal delas a Greve Geral de São Paulo, em julho de 1917 (LOPREATO, 2000).

Embora muitos italianos vinham migrando para determinados países da América do Sul desde meados do século XIX, só podemos falar de um fluxo migratório em massa, a partir da década de 1880. De fato, em um primeiro momento, a maioria teve como destino a Argentina e apenas anos após o Brasil teria também forte atratividade. No Brasil, os estrangeiros provenientes da Itália geralmente se instalaram em grandes fazendas de café do sudeste, ou em pequenas propriedades familiares no sul do país. No final do *oitocentos*, as cidades industriais em pleno crescimento começaram a atrair outro perfil de imigrantes. Se num primeiro momento imigrantes do norte da Itália viajaram em grande número para o Brasil, em um segundo momento vieram de todas as regiões da península. Entre 1890 e 1920, a população da cidade de São Paulo cresceu explosivamente, saltando de 65.000 para 580.000 habitantes, tornando-se um atraente polo industrial para todos os imigrantes que viajavam para a América do Sul¹¹

A fundação da Colônia Cecília em 1890 (uma comunidade coletiva estabelecida no Estado do Paraná pelo médico Giovanni Rossi) é apontada pela historiografia

11- Prefeitura de São Paulo, “Histórico demográfico da Prefeitura de São Paulo”, http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/tabelas/pop_brasil.php Archived at <http://www.webcitation.org/66VBsHm7i> on March 28, 2012.

tradicional como o momento inicial do surgimento do anarquismo no Brasil. Os colonos ali residentes praticavam relações de poliandria, amor livre (o que significava a possibilidade de viver junto sem casamento oficial) e utilizavam recursos econômicos a partir de uma renda comunitária. Como todas essas iniciativas gozavam de certo ineditismo em solo brasileiro, talvez isso explique, em parte, o mito criado em torno de Colônia Cecília (FELICI, 2001). A colônia durou até 1894, quando foi encerrada por causa de conflitos internos, mas, mesmo assim, essa experiência inusitada ganhou fama internacional e foi identificada como ponto de partida do anarquismo no Brasil.

Após o término do projeto, muitos dos membros da Cecília, como Francesco Gattai e sua família, e Arturo Compagnoli, permaneceram no Brasil mudando-se para áreas urbanas como Curitiba e São Paulo. Gigi Damiani, apesar de não pertencer ao grupo original de colonos, teve contato com alguns de seus membros durante sua permanência na Capital curitibana, a partir de 1897. A ideia da Colônia Cecília como sendo o “mito fundador” do anarquismo no Brasil tem sido contestada por alguns historiadores. Trabalhos realizados nos últimos trinta anos, incluindo o abrangente trabalho de Isabelle Felici (1994), mostraram que importantes ações anarquistas realizadas por imigrantes italianos em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, foram organizadas por outros militantes que nunca chegaram perto da área rural onde a Colônia havia sido instalada.

Resumindo essa história e abordando com mais detalhes a organização dos trabalhadores italianos no Brasil, podemos voltar ao ano de 1892.¹² Nesse ano, um grupo de anarquistas fundou em São Paulo o *Gli Schiavi Bianchi*, que pode ser considerado o primeiro jornal de fato libertário impresso no Brasil, cujo diretor, Galileo Botti, um propagandista anarquista, havia acabado de chegar da Argentina dois anos antes. Esse periódico inaugurou uma fase em que uma série de jornais de idêntica natureza, em língua italiana, seria publicada em São Paulo até o final do século XIX. Os mais visíveis foram *L'Operaio*, *L'Asino Umano* e *L'Avvenire* (todos editados por Felici Vezzani), *Il Risveglio* (editado por Alfredo Mari e Gigi Damiani). Em comum, os periódicos tinham o fato de

12- O problema da organização formada por trabalhadores, no movimento anarquista, foi uma das grandes polêmicas do final do século XIX, especialmente na Itália, onde o debate entre “associacionismo” e “não associacionismo” ocupou várias páginas em jornais libertários até que a posição de anarcocomunismo de Malatesta tenha se tornado paradigma na experiência italiana em meados da primeira década do século XX. No Brasil, o mesmo debate foi reproduzido por ativistas do anarquismo, provavelmente um pouco mais tarde em relação ao debate na Itália. As posições dos anarquistas italianos no Brasil foram muito bem condensadas por FELICI, 1994: 326-38.

sofrerem com a perseguição policial ter todos os seus diretores incriminados ela prática de “anarquismo”, então passível de crime.

Na última década do *oitocentos*, Felice Vezzani pode ser considerado o ativista italiano que introduziu o movimento anarquista na classe trabalhadora paulista, antes de sua expulsão para Buenos Aires em 1895. Ativista sindical, Vezzani chegou ao Brasil em 1893 vindo de Bolonha, onde havia quebrado seus laços com o Partido Socialista Italiano e aderiu a posições anárquicas (ANTONIOLI et al, 2004). Mas sempre ocupou uma posição singular dentro do movimento, uma espécie de voz bipolar devido à sua simpatia por tendências individualistas e também por suas posições sindicalistas no início da organização da classe operária em São Paulo.

Já no início do século XX, os jornais anarquistas italianos impressos em São Paulo, como *La Nuova Gente*, *Palestra Social* (dirigido por Tobia Boni), *Germinal* (de Angelo Bandoni), estavam prontos para defender os trabalhadores, mas ao mesmo tempo assumiam uma posição contra os sindicatos existentes. Em parte, é possível explicar esse fenômeno em razão da ausência no Brasil de um movimento operário efetivamente organizado. Encontravam-se na maior parte do país em fins do XIX, inclusive no Rio de Janeiro, apenas associações de trabalhadores voltadas para a caridade, caixas de benefício ou de socorro mútuo, influenciadas pela maçonaria e algumas vinculadas às instituições do Estado (BATALHA, 2004: 95-119). Isso era predominante, inclusive, dentro do próprio círculo italiano de trabalhadores (BIONDI, 2012: 75-104). No entanto, o forte aumento da população italiana entre os trabalhadores, forçou uma mudança no discurso e nas práticas dos militantes anarquistas.

Durante a primeira década de 1900, o movimento socialista e anarquista em São Paulo, que prevalecia dentro da numerosa colônia italiana, teve que conversar com esses novos trabalhadores urbanos e ajudá-los a se organizar em uma forma de sindicato de combate que não existia até então. No início é possível identificar uma forte presença do socialismo, em duas diferentes definições e características: uma revolucionária, presente na abordagem sindicalista de Alceste De Ambris (que havia fundado em 1900 o jornal *Avanti!*, a edição homônima do original italiano), ou em sua forma reformista com Antonio Piccarolo (que assumiu a direção do periódico depois que De Ambris retornou à Itália em 1903). Nesses primeiros anos, socialistas e anarquistas dividiram e disputaram a liderança do movimento operário ítalo-brasileiro em São Paulo, até a celebração do Primeiro Congresso Operário Brasileiro em 1906. A partir desse momento, a associação

entre ativistas sindicalistas revolucionários, como Giulio Sorelli,¹³ e as posições anarcossindicalistas dentro dos sindicatos se tornaram hegemônicas. No entanto, os grupos anarquistas sempre demonstraram vitalidade e difusão significativas, especialmente após a saída de De Ambris para a Itália, o que pode ser atestado por várias associações dedicadas à propaganda e atividades sociais e à constante presença de jornais em circulação.

Na tentativa de ampliar o público-alvo entre os trabalhadores, foi feito um esforço para divulgar a propaganda em língua portuguesa, como foi o caso do periódico *Germinal*, 1901-1903 (dirigido por Angelo Bandoni) e *O Amigo do Povo*, 1902-1905 (pelo anarquista português, Neno Vasco). Outro componente importante para a difusão da propaganda anarquista, mas ao mesmo tempo circunscrevendo-a a uma audiência italiana, foi a chegada, desde 1900, de muitos militantes que já tinham contato e experiência com o movimento libertário na Itália e na Argentina. Este segundo grupo de ativistas contribuiu diretamente para a disseminação do movimento, como foi o caso de Gigi Damiani, que chegou em São Paulo somente no ano de 1907 para ajudar a escrever *La Battaglia*; de Alessandro Cerchiai, proveniente de Lucca, que aportou na cidade em 1901; de Angelo Bandoni, de Livorno, e de Tobia Boni, de Siena, ambos chegados no país no ano de 1900; e Oreste Ristori, de Empoli, município da província de Florença, que entrou no Brasil em 1904, após de passar dois anos vivendo em Buenos Aires e Montevideú. Ristori tornou-se o organizador do grupo *La Battaglia* e o mais importante propagandista do anarquismo no Brasil naquela década circulando pelo interior de todo o sudeste.

A rede anarquista vinha estabelecendo conexões entre ativistas italianos residentes na Argentina e no Brasil desde o final do século XIX. Nesse sentido, seguindo, por exemplo, os passos dados por Oreste Ristori através dos dossiês da Segurança Pública italiana, podemos exemplificar a circulação geográfica naqueles tempos. Desde Buenos Aires, o inspetor Genovesi escreveu ao Ministro do Interior da Itália, alertando-o que Ristori já conhecia as ações de Vezzani pelas páginas do periódico *L'Avvenire*, publicado em Buenos Aires desde 1895 (ZARAGOZA RIVERA, 1996). Assim, Ristori também tornou-se um colaborador regular do jornal, antes mesmo de sua chegada em Buenos Aires, em agosto de 1902:

13- Para melhor compreensão das práticas do sindicalismo revolucionário italiano em Alceste de Ambris e Giulio Sorelli, ver: TOLEDO, 2004.

durante o pouco tempo em que está aqui colocou-se em evidência por uma propaganda incansável, com a palavra através de conferências quase cotidianas, e com a pena através da colaboração assídua ao periódico "L'Avvenire".¹⁴

Após a greve geral argentina de dezembro de 1902, Ristori, juntamente com Pascoal Guaglianone, Felix Basterra e outros ativistas italianos, foi deportado para Montevideu, com base na Lei de Residência, acusado de ser um dos líderes do movimento grevista. No Uruguai, conheceu outros conterrâneos que da mesma forma tinham sido exilados, como atesta o relatório de Genovesi:

procurou e conseguiu fugir e salvar-se, refugiando-se junto a vários outros líderes da seita em Montevideu. Com Scopetani e Serantoni que o haviam precedido lá, ele fez de tudo para retomar a publicação do Avvenire naquela cidade¹⁵

De acordo com as fontes policiais, o florentino Alessandro Scopetani era um ativista de pouca instrução, porém de caráter energético,¹⁶ que chegou em Buenos Aires em 1898 e publicou o periódico *La Nuova Civiltà*. Anos antes, Ristori e Scopetani estavam confinados na ilha de Ventotene, onde se conheceram. Diferentemente de Vezzani, Scopetani tinha um perfil antiorganizacionista, ou seja, ele não gostava de agir dentro dos sindicatos. Por outro lado, Fortunato Serantoni, residente na Argentina desde 1893, era um dos mais importantes livreiros e editores anarquistas italianos, com a Livraria Sociológica, uma livraria libertária especializada.¹⁷ Desde 1895 Serantoni era conhecido em São Paulo como o redator de *La Questione Sociale*, publicado em Buenos Aires, e por sua livraria que permaneceu aberta até 1901. As obras que publicou eram comumente vendidas no Brasil (livros foram oferecidos nas páginas dos periódicos

14- Direzione Generale della P. S. della Prefettura di Roma. Archivio Centrale dello Stato, ACS, Casellario Politico Centrale, CPC. Ristori, Oreste, b. 4342. Nota reservada do Ministério do Interior, de Buenos Aires, 27 de janeiro de 1903. "Durante il breve tempo dacché è qui, si è messo in evidenza per una infatigabile propaganda, con la parola a mezzo di quasi quotidiane conferenze, con la penna merce la collaborazione assidua al periodico *L'Avvenire*."

15- Ibid. Cercò e riuscì a mettersi in salvo, rifugiando insieme a parecchi altri caporioni della setta a Montevideo. Con lo Scopetani e il Serantoni che lo avevano preceduto colà, egli fece di tutto per poter riprendere in quella città le pubblicazioni dell'Avvenire.

16- Dizionario biografico degli anarchici italiani, 530-31. Colezioni Digitali, http://bfscollezionidigitali.org/index.php/Detail/Object/Show/object_id/2024

17- Ibid., 543-45. Para maiores informações sobre Serantoni ver Adriano Paolo Giordano, "L'editore errante dell'anarchia. Appunti per una biografia di Fortunato Serantoni", *Rivista Storica dell'Anarchismo*, Pisa, 6 no.2, (1999): 41-70.

anarquistas como o *Germinal*). A cidade de Montevidéu permitiu que pessoas deportadas de Buenos Aires se estabelecessem naquela localidade. De fato, a vigilância das forças diplomáticas italianas nunca estabeleceu o mesmo tipo de relação feita entre a polícia uruguaia e as forças policiais argentinas e brasileiras. Montevidéu deve ser incluída como uma forte coluna de apoio à rede anarquista italiana no exterior, especialmente no sentido cultural. Falando sobre isso, o romancista Manoel de Castro, em um trabalho autobiográfico, lembrou das reuniões diárias que frequentou no Café Polo Bamba, onde ele

*podia ver ali distribuído em diferentes mesas, mas comunicando facilmente uns com os outros, toda uma geração de poetas, sociólogos e literatos, em meio à atividade e cujos livros foram publicados por Orsini Bertani, um anarquista que viveu com Pietro Gori na Itália e com a reverenciada Kropoktin em Londres, e cuja livreria, localizada no coração da rua Sarandi, era ao mesmo tempo outro ponto de encontro de intelectuais e propagandistas. Ele estava cercado por outros anarquistas expatriados, como Guaglianoni, Felix Basterra, Ovidi, Gino Fabri e Ristori.*¹⁸

Portanto, os trabalhadores lutavam dentro das fábricas por meio dos sindicatos organizando greves a partir de uma estreita conexão entre os círculos culturais e sociais apoiados por uma rede muito bem articulada de sindicalistas, propagandistas, intelectuais e editores envolvidos com a chamada Revolução Social. A propósito, todos esses indivíduos sobre os quais escrevemos estavam em busca de uma revolução socialista libertária. O que gostaríamos de reforçar aqui, de acordo com a nossa compreensão do anarquismo explicitada na introdução, é que a força desse movimento residiu precisamente nesse caráter pluralista e interativo de sua organização e não numa divisão binária estruturalista entre pró ou anti sindicalismo, “organização de massa” ou “insurrecionistas”, etc., como defendem Van der Walt e seus seguidores.

Mas nem tudo eram flores entre os anarquistas. Às vezes, a diferença ofusca o desejo de trabalhar juntos por uma causa comum. Por exemplo, a forte perseguição após a greve geral de 1902 em Buenos Aires dividiu o movimento em estratégias a serem adotadas. O grupo de italianos exilados em Montevidéu, tendo Ristori como cabeça,

18- CASTRO, 1959: 271. Pude ver allí, distribuídos en distintas mesas, pero de fácil comunicación entre las mismas, a toda una generación de poetas, sociólogos y literatos, en plena actividad y cuyos libros publicaba Orsini Bertani, ácrata que había convivido con Pietro Gori en Italia y con el venerado Kropoktine en Londres y cuya librería, instalada en plena calle Sarandi, era a la vez, otro centro de reunión de intelectuales y propagandistas. Le rodeaban otros ácratas expatriados como Guaglianoni, Félix Basterra, Ovidi, Gino Fabri y Ristori.

atacou a posição sindicalista do *La Protesta* com o argumento da “inconsciência” da massa para apoiar uma greve naquelas proporções. A discussão ocupou muitas páginas na imprensa anarquista e operária em Buenos Aires e Montevideu durante o ano de 1903 e foi uma motivação determinante para a mudança de Ristori para São Paulo (Cf.: ROMANI, 2015: 83-106, 114-19). De fato, o aumento de contato entre ele e os libertários ítalo-paulistas foi rapidamente percebido pela vigilância diplomática.

*Nota-se, nos últimos tempos, uma relação mais estreita entre ele e vários anarquistas, assinaladamente com Vincenzo Sassi, também residente em S. Paulo e objeto de meu recente relatório, com Bertolini Ezio editor de um fanzine em Sanpierrez, com Borzachini Remo [...] e finalmente com Travaglini Enrico redator do Grido della Folla de Milão.*¹⁹

Vincenzo Sassi provavelmente era Attilio Sassi, um anarquista italiano sindicalista, operário de uma mina de manganês no interior de Minas Geras, que viveu em São Paulo durante o ano de 1904, depois de ter sido demitido por causa de uma greve. Deportado para a Itália, Sassi tornou-se um importante sindicalista dentro do movimento anarquista italiano.²⁰ Do lado oposto, o *Grido della Folla*, de Milão, foi um baluarte tradicional do antiorganizacionismo, com a direção de Giovanni Gavilli, que já havia encontrado Ristori na prisão da ilha de Ventotene. Deste modo, a rede anarquista em desenvolvimento em São Paulo não foi definida de maneira restrita, mas plural.

O que esse fato evidencia é que os anarquistas italianos emigraram para a América do Sul e, ao se estabelecerem em São Paulo, adotaram diferentes estratégias de organização. Mas, no geral, o que eles claramente contrapunham era a possibilidade de uma espécie de organização tipo a do Partido Anarquista na Itália, que no início do século XX tornara-se um modelo absolutamente irreconciliável para os ideais anarquistas.²¹

19- ACS, CPC, b. 4342, fasc. Ristori, Oreste. Correspondência de 1 de junho de 1904, de Petrópolis. Legazione d'Italia alla Direzione Generale della PS a Roma. Protocolo 12618: “Si nota, da poco tempo, una più stretta relazione tra lui e varii anarchici, segnalatamente con Vincenzo Sassi, pure residente in S. Paolo oggetto di mio recente rapporto, con tal Bertolini Ezio redattore di un giornaleto anarchico in Sanpierrez, col Borzachini Remo [...] e finalmente col Travaglini Enrico redattore del Grido della Folla di Milano.”

20- De acordo com os biógrafos de Attilio Sassi, provavelmente ele foi identificado pela política diplomática italiana em São Paulo como Vincenzo. De fato ele passou por São Paulo durante 1904 antes de seu retorno à Itália. Ver: MARABINI; SACCHETTI e ZANI, 2008.

21- Veja a denúncia feita por Alessandro Cerchiai, “Cosa si intende anarchicamente per organizzazione”, *Il Grido della Folla*, April 16, 1903, *apud* GIULIETTI, 2012.

Nesse momento histórico em que o Partido Socialista Italiano, através do controle majoritário do sindicalismo, minava as bases do anarquismo naquele país, sobressai a posição de Gigi Damiani, que defendia um socialismo não autoritário apoiado numa espécie de organização que privilegiava a relação entre indivíduo e sociedade, como explica Maurizio Antonioli, (ANTONIOLI; MASINI, 1999: 62-3). Essa rede que seria organizada em São Paulo nos anos 1900 é muito complexa. Apesar da maioria dos anarquistas ter vindo de posições individualistas ou de ter tido uma posição negativa em relação ao sindicalismo, eles foram capazes de conversar e mover-se dentro de diferentes organizações, estabelecendo boas relações com o grupo do *Amigo do Povo*, Neno Vasco, Giulio Sorelli, Edgard Leuenronth e com outros ativistas sindicalistas. Talvez tenha sido exatamente essa capacidade de intercambiar ideias e ações que causou uma vigilância policial mais próxima, com medo de que a propaganda pudesse se espalhar para diferentes tipos de trabalhadores em São Paulo e em outras regiões brasileiras.

A Segurança Pública italiana estendia seus braços no exterior usando o serviço secreto da diplomacia italiana em colaboração com as polícias locais. Desde a década de 1880, havia uma estreita relação entre as polícias italianas e argentinas através do consulado italiano em Buenos Aires, concedendo informações secretas às autoridades portenhas sobre a chegada dos anarquistas, considerados criminosos. Na década seguinte, essa rede policial passou a envolver também autoridades brasileiras. De fato, uma troca de correspondências entre as polícias portuárias de Buenos Aires, Montevidéu, Rio de Janeiro e Santos, que monitoravam as deportações dos anarquistas argentinos para a Europa e a expulsão de anarquistas estrangeiros do Brasil, mostra essa interconexão. Os anarquistas deportados através de navios de Buenos Aires normalmente faziam escala no Rio de Janeiro, onde acabavam descendo e permanecendo na América do Sul (GALEANO; ALBORNOZ, 2017: 101-34). A informação policial foi o resultado de um esforço entre as autoridades investigativas brasileiras (no Rio de Janeiro, na época capital do país) junto com a polícia de algumas regiões da Itália e da Argentina, tentando impedir essa circulação, para eles, descontrolada. A implementação de medidas de cooperação internacional para combater o anarquismo, considerado na época um mal que comprometia a segurança nacional, tornou-se um fim a ser perseguido no novo século (GALEANO; ALBORNOZ, 2017).

Um exemplo dessa cooperação entre as autoridades dos países sul-americanos foi a informação coletada pela polícia de Buenos Aires em um intercâmbio com a polícia brasileira em 1902. Avisada pelas autoridades policiais italianas que Angelo Bandoni,

com seu companheiro Gigi Damiani, estava por trás de uma “trama anárquica no Brasil”, e que ambos estavam fazendo viagens pelo interior de São Paulo ajudando na formação de centros anarquistas,²² a polícia argentina repassou essa informação para a polícia brasileira. O interesse da polícia de Buenos Aires por dados sobre Bandoni (e Damiani) é possivelmente explicada pela circularidade que seu periódico – *Germinal* – teve, de forma efêmera, na capital argentina (dentro da comunidade italiana estabelecida na região),²³ e que despertou a curiosidade das autoridades que desejavam saber mais sobre seu editor. A riqueza dos laudos policiais é proeminente, pois se por um lado permite demonstrar a troca de informações em uma rede internacional de informações, por outro permite visualizar a penetração e a circularidade dos periódicos publicados pelos anarquistas italianos em São Paulo e enviados para diferentes países da América Latina, especialmente Argentina e Uruguai.

Uma visão geral da trajetória biográfica de Bandoni pode nos mostrar algumas características interessantes do transnacionalismo no anarquismo italiano. Angelo Bandoni nasceu em julho de 1868 em Bastia,²⁴ ilha da Córsega, um território à época já pertencente ao domínio francês. Bandoni tinha origem italiana por parte materna e paterna, pois ambos eram de Livorno. Seu pai (Giovanni) era um habilidoso artesão na manipulação de mármore, sendo a realidade econômica da família, portanto, bastante modesta.

Bandoni viveu na ilha francesa até a idade de 18 anos, quando migrou para a Itália, estabelecendo-se na cidade de La Spezia (região da Ligúria) em 1886. Quando chegou à península italiana, o país tinha uma massa proletária ainda predominantemente agrária e artesanal, que passava por grandes dificuldades e crescente miséria. O processo de industrialização na região norte e as crises econômicas periódicas geraram um expurgo de proletários desempregados provocando uma profunda desigualdade social entre as regiões norte e sul. Estas condições favoreceram o desenvolvimento do movimento anarquista, especialmente nas províncias da Toscana (Florença, Prato, Livorno, Massa,

22- ACS, CPC. Bandoni, Angelo, b. 305, f. 75150.

23- Em seu jornal *Germinal*, que teve vida curta, Bandoni publicou textos com artigos onde os leitores de Buenos Aires teceram considerações sobre algumas questões abordadas pelo editor. Além disso, é grande o número de trocas epistolares publicadas, que saudaram o editor pela existência do periódico. Este fato nos permite concluir que o *Germinal* certamente circulou entre a comunidade italiana estabelecida naquela região.

24- Outras informações biográficas sobre Angelo Bandoni, ver: BENEVIDES, 2018a. e 2018b.

Carrara) e depois ampliando seu raio de propagação por toda a península até 1898, quando experimentou um processo de enfraquecimento por conta da intensa repressão (LEVY, 1999: 7).

O jovem Bandoni passou por diferentes partes do norte da costa tirrênica. Todos esses lugares, portanto, estavam sob grande influência do anarquismo. Foi neste contexto, e em solo italiano, que pela primeira vez manteve contato com ideias libertárias. Após sua primeira aparição registrada em La Spezia (1886), registros da polícia mostram que ele havia sido preso em Lucca (1887) por contrabando e permaneceu privado de sua liberdade até o final de 1890. Tendo cumprida a sua sentença, Angelo Bandoni retornou pela segunda vez para La Spezia. No mesmo ano em que foi libertado, fugiu para a Argélia, uma colônia administrada pelo Estado francês, e lá foi condenado a cinco anos de prisão por furto, roubo e uso de documentos falsos. Em 1895, depois de deixar a prisão, retornou pela terceira vez para La Spezia, quando foi preso novamente (por nove meses) e foi definitivamente expulso da Itália.

Em maio de 1898, uma forte onda de repressão assolou os anarquistas. Nesse momento, as forças do rei Umberto I atacaram o cerne do movimento libertário em uma tentativa de suprimir os “subversivos” da Itália.²⁵ Começaram, assim, uma série de expulsões e prisões em todo o país. Além disso, para o governo italiano, era necessário empurrar essa massa proletária para um lugar distante e suavizar as tensões internas, algo que foi fornecido através da imigração subsidiada para a América (LEVY, 1999: 6). Foi precisamente nesse contexto conflituoso que Bandoni teve sua expulsão decretada, chegando em São Paulo em maio de 1900. As ações libertárias de Angelo Bandoni durante o período em que viveu no Brasil (cerca de quarenta anos) colocaram mais ênfase na propaganda e informações da conjuntura política aos trabalhadores. Durante esse longo tempo escreveu em vários periódicos e também foi responsável pelas edições de alguns outros que ganharam notoriedade (*Germinal*, *Guerra Sociale*, *Germinal!* e *Alba Rossa*). Além disso, realizou conferências, organizou escolas e escreveu poesias.

O estudo sobre Angelo Bandoni, e de outros libertários italianos, permite visualizar a natureza transnacional do anarquismo ítalo-brasileiro enraizado em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, e mais ainda, sua característica semelhante ao movimento desenvolvido na região da Itália central, especialmente na Toscana. A

25- O episódio é conhecido na história italiana como “i moti per il pane”, movimentos por pão. Ver: TILLY, 1972: 124-60.

transnacionalidade dos anarquistas pode ser percebida por dois prismas: o primeiro através do contato entre militantes espalhados pelo mundo através de cartas que foram escritas e depois publicadas na imprensa anarquista, e o segundo pelo intenso deslocamento de ativistas que estiveram em várias regiões do mundo com a intenção de realizar a propaganda libertária (TURCATO, 2007).

Os jornais anarquistas também publicaram numerosas cartas escritas por leitores (na maioria anarquistas) de diferentes regiões do país e do mundo. Estas correspondências foram publicadas em uma seção específica (geralmente chamada *Piccola Posta*),²⁶ estabelecendo contato entre os companheiros libertários no Brasil, mas também com aqueles que viviam em diferentes partes do mundo: na Itália (em Siena, La Spezia e outras cidades da Toscana), em Montevidéu, Buenos Aires, Chicago, Patterson (um reduto do anarquismo italiano em New Jersey, Estados Unidos) e em algumas regiões da Europa, como na Bélgica, em Marselha e Paris, na França, ou em Barcelona, na Espanha. Por outro lado, a trajetória biográfica de Bandoni é um exemplo do anarquista que se desloca de região para região, nacional e internacionalmente, visando a difusão do anarquismo.

A sua relação transnacional não foi estabelecida apenas através de trocas epistolares. Bandoni também esteve envolvido no apoio (financeiro, por exemplo) de companheiros italianos no exterior. Em 1902, o jornal *Germinal* realizou uma campanha de arrecadação de fundos em favor do florentino Giovanni Gavilli, e de Ludovico Tavani, de Ravenna, para trazê-los ao Brasil. Ambos eram anarquistas com vasta experiência em propaganda, especialmente nas regiões da Toscana e Emilia-Romagna. A campanha teve uma vida curta sem muito sucesso, no entanto, os companheiros do Brasil liderados por Bandoni conseguiram recolher 268 liras. Segundo relatos da polícia italiana baseados em agentes infiltrados em grupos anarquistas de Paris (o informante Enrico Insabato, um ex-anarquista – disfarçado sob o pseudônimo de “Dante”), o dinheiro arrecadado em São Paulo por Angelo Bandoni, Gaetano Sandri, seu irmão Pedro e outros, havia chegado a Tavani através de seu companheiro, Pietro Mori.²⁷ A recente tese de Jorge Canales oferece uma análise abrangente desse fenômeno transnacional do anarquismo italiano e mostra como a rota sul-americana, incluindo os portos brasileiros de Santos e do Rio de Janeiro,

26- *Germinal*, São Paulo, nº. 1-11, 1902, “Piccola Posta”.

27- ACS, CPC, b. 5049, fasc. Tavani Ludovico, ver o relatório da Prefettura di Genova destinado à Direzione Generale della Pubblica Sicurezza, DGPS, 13 de junho de 1902. Para maiores detalhes cf.: CANALES, 2016: 411-13.

tornou-se o portão preferencial dos ativistas italianos extraditados. Mas a maioria deles, como Mori, Sandri, Luigi Bezzi e muitos outros, tinham o único objetivo de arrecadar fundos para apoiar as lutas na Itália.

Após a chegada de Ristori ao Brasil, observando as ações do grupo *La Propaganda*, podemos perceber uma mudança de atitude visando apoiar a luta de classe dos imigrantes italianos nas fazendas e nas fábricas do país.²⁸ Seu primeiro passo foi a fundação do semanário *La Battaglia* em junho de 1904, jornal que se tornou uma espécie de divisor de águas no anarquismo ítalo-brasileiro. Em menos de seis meses, apoiado por uma grande rede de distribuidores na capital paulista e no interior do país, conseguiu uma tiragem de aproximadamente cinco mil cópias e tornou-se o jornal militante mais lido do país naquela década, alcançando a publicação de oito mil cópias em algumas edições do ano de 1908 (ROMANI, 2015: 140). O periódico apoiou várias campanhas em favor dos trabalhadores imigrantes italianos e também de toda a classe trabalhadora. Denúncia de crimes e más condições de vida de colonos em fazendas, exploração de oficinas, investigação de crimes de padres da Igreja Católica, promoção de boicotes em fábricas, divulgação de greves, campanhas pela liberdade de homens injustamente presos e muitas outras formas de ações fizeram os nomes *La Battaglia* e Ristori conhecidos no país. De fato, o *La Battaglia* foi distribuído e vendido em todas as regiões brasileiras. Tinha assinaturas em Belém, Manaus, Salvador e Recife, norte e nordeste do país, e obteve grande difusão em todo o Estado de Minas Gerais, no Rio de Janeiro, e nos estados do sul do país, além e também no Uruguai e na Argentina (ROMANI, 2015: 133-40).

A grande campanha realizada contra a imigração italiana para o Brasil, iniciada em 1906, que ocupou durante todo o ano várias edições de *La Battaglia*, pode ser usada para exemplificar as ações desenvolvidas pelo grupo. Desde a segunda edição, uma de suas seções mais populares foi uma coluna de escritos sobre a condição de vida nas fazendas de café que os colonos batizaram de *Dalle Caienne Brasiliane*. Semanalmente publicou denúncias sobre extorsão, estupros, crimes, escravidão envolvendo colonos

28- “Il gruppo La Propaganda non è un gruppo permanente, né fisso; cioè la sua attività dipende da circostanze di indole diversa, ad esempio la pubblicazione di un opuscolo; l'aiuto materiale e morale ai rivoluzionari...” *La Battaglia* n. 35, 19 de março de 1905. Trad. “O grupo La Propaganda não é um grupo permanente, nem fixo; isto é, a sua atividade depende de circunstâncias de índole diversa, por exemplo, a publicação de um opúsculo; a ajuda material e moral aos revolucionários...” Se o grupo La Propaganda ainda conservou as características fluídas, após a fundação de *La Battaglia*, como periódico permanente, sua atuação diminuiria consideravelmente.

italianos, fatos considerado como um verdadeiro inferno acontecendo nas fazendas. O grupo *La Propaganda* teve a ideia de expor essa situação no exterior, publicando um opúsculo de trinta páginas em que diferentes casos de exploração de colonos seriam mostrados. Esse opúsculo seria publicado em três idiomas, italiano, espanhol e português e distribuído na Itália, Argentina, Brasil, Espanha e Portugal, como um alerta para potenciais imigrantes para o Brasil desistirem de sua ideia (ROMANI, 2015: 151-59). A assinatura anunciada para coletar fundos para imprimir o livreto durou quatro meses e não conseguiu o dinheiro necessário para completar a meta, mas foi possível imprimir dez mil exemplares em língua portuguesa até o final do ano. *Contra a Imigração*, seu título, nunca foi impresso em espanhol e a distribuição foi limitada a terras brasileiras com poucos exemplares chegando a Portugal no ano seguinte.

A publicação do opúsculo teve uma péssima repercussão na embaixada italiana e entre os grandes fazendeiros que imaginaram maiores perdas de mão de obra. Oreste Ristori e Alessandro Cerchiai, os dois editores do panfleto, foram questionados pela Polícia do Estado de São Paulo. O caso foi considerado subversão contra o Estado brasileiro e ambos acabaram sendo processados por violarem a Segurança Nacional, sendo cogitada sua expulsão com base na Lei de Estrangeiros.²⁹ Em 1908 o julgamento foi encerrado e eles puderam permanecer no Brasil.

Parece impossível que um opúsculo divulgado em todo o país possa ter causado tamanha perseguição, já que *La Battaglia* permanecia publicando semanalmente as mesmas denúncias. Talvez seja mais provável que a queixa tenha começado com a diplomacia italiana. De fato, se a impressão espanhola tinha falhado, a italiana teve sucesso. O primeiro contato na Itália aconteceu com Gino Allari, que distribuiu o *La Battaglia* em Florença, permanecendo sempre com a principal rede de identidades regionais da Toscana. Infelizmente, era impossível imprimi-lo lá e ninguém menos que Luigi Molinari, um importante anarquista italiano envolvido em programas educacionais, interessou-se pela denúncia e foi responsável por sua publicação na tipografia da *Università Popolare* de Mantova, na Lombardia. Foi somente depois da publicação na imprensa italiana que o processo contra Ristori e Cerchiai foi movido (BIONDI, 1904).

Não é nosso objetivo mostrar com detalhes como se desenvolveu este caso específico, até porque indicamos a bibliografia especializada sobre o assunto. O que pretendemos usar deste exemplo é o conceito da rede anarquista italiana que operou em

29- Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, ANRJ, IJJ 7 179 (SPE-101).

São Paulo. Funcionou eficientemente, estabeleceu rapidamente conexões com ativistas italianos e preferencialmente circularam em seus grupos regionais de identidade na Toscana. Contaram, também, com diferentes grupos de anarquistas de outras regiões da Itália e, surpreendentemente, mesmo com poucas pessoas envolvidas na organização, mostraram-se capazes de perturbar setores significativos da economia brasileira e do comércio italiano de imigrantes. Isso não é pouca coisa e ajuda a explicar a reação violenta das autoridades.

Olhando para a frente, o período de 1915 a 1919 foi de intensa atividade para o movimento operário no Brasil uma vez que o êxito da Revolução Russa em 1917 acrescentou uma dose de entusiasmo aos trabalhadores. Além disso, a conjuntura de Guerra Mundial (1914-1918) e um significativo aquecimento do setor industrial ajudaram a dar às manifestações operárias, às vezes, um caráter insurrecionalista (SAMIS, 2004). Neste contexto de euforia para os libertários italianos em São Paulo, a Guerra que eclodiu em agosto de 1914 não foi uma preocupação central entre aqueles que escreviam no jornal *La Propaganda Libertaria*, formado por militantes originários do *La Battaglia* quando este cessou de ser publicado, em setembro de 1912.

A atitude desses anarquistas apenas mudou quando a Itália entrou na Guerra em maio de 1915. Em setembro do mesmo ano, foi organizado por Angelo Bandoni um novo jornal chamado *Guerra Sociale*, cujo foco principal, num primeiro momento, seria quase exclusivamente a guerra e outros conflitos internacionais.³⁰ Os escritores que colaboraram em *Guerra Sociale* eram quase todos italianos, exceto o espanhol Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raimundo Soares, notório anarcossindicalista, cuja cooperação no periódico era frequente e de grande importância. O jornal foi inicialmente dirigido por Bandoni e, em um segundo momento, como havia acontecido com o *La Battaglia* e o *La Propaganda Libertaria*, Gigi Damiani assumiu a direção. Nas páginas do periódico, trocas de informações, correspondências ou notícias da Argentina, Itália, França, Espanha, Holanda, Rússia, Estados Unidos eram comuns.³¹ Com o passar dos anos, porém, o periódico passou a acompanhar mais de perto as notícias da vida social do trabalhador paulista, deixando as notícias internacionais em segundo plano. Isso ficou claro entre os meses de maio e junho de 1917, quando a tensão aumentou devido ao contexto de greves emergindo em toda a cidade.

30- *Guerra Sociale*, 22 de maio de 1916. Ver também: FELICI, 1994.

31- *Guerra Sociale*, 23 de junho de 1917, “Movimento Revolucionário Internacional”.

Assim, um evento marcante de 1917 foi a eclosão de uma grande greve na cidade de São Paulo. A “Greve Geral de 1917”, como ficou conhecida, contou com a participação direta dos anarquistas à frente de várias associações de classe, reunidas principalmente nos jornais *Guerra Sociale* e *A Plebe*, e também dos socialistas, que gravitavam em torno do jornal *Avanti!*, e juntos decidiram compor o CDP, Comitê de Defesa Proletário, para organizar melhor os grevistas e intermediar as negociações. Na crise de abastecimento da época, a fome havia provocado uma profunda revolta entre os operários, estimulando os espíritos dos trabalhadores contra o governo. A segunda metade de 1917 marcou o fim da crença dos trabalhadores nas promessas feitas por políticos e empresários. O custo de vida, juntamente com os baixos salários, criou uma mistura de revolta revolucionária e êxtase sob influência do noticiário vindo da Rússia. A greve terminou com alguns avanços para a classe trabalhadora de São Paulo. Nesse sentido, a implantação, em algumas fábricas, das oito horas de jornada de trabalho e aumentos salariais foram, sem dúvida, as maiores vitórias do movimento (LOPREATO, 2000). No Rio de Janeiro, em 18 de novembro de 1918, houve um movimento que ficou conhecido como a Insurreição Anarquista, onde trabalhadores de várias fábricas espalhadas pela cidade paralisaram suas atividades. Novamente, a repressão atingiu os anarquistas em uma tentativa de desarticular o movimento (ADDOR, 1986).

O Fim da Rede Transatlântica Italiana

Apesar de alguns avanços da classe operária, tais eventos despertaram no governo republicano, especialmente a partir de 1919, a necessidade do controle das entidades de classe, especialmente na sistematização da repressão contra os considerados subversivos. Entre outras medidas, destaca a maior restrição à entrada de estrangeiros “nocivos à ordem pública” e a expulsão sumária de imigrantes residentes no Brasil sob suspeita de envolvimento em ações “subversivas”, prática mantida durante os primeiros anos de vida da República. Por outro lado, deve-se mencionar que vários trabalhadores estrangeiros foram expulsos ou deportados sem o devido processo legal ou, em total contradição com a lei, como foi o caso de muitos anarquistas italianos como Gigi Damiani, em 1919. Muitos simplesmente desapareceram de circulação, ficando detidos e incomunicáveis nos porões da polícia, esperando que o primeiro navio partisse para fora do país (MENEZES, 1996).

O início da década de 1920 também foi marcado pelo constante estabelecimento do Estado de sítio pelo chefe do Executivo Federal (o período mais longo durou de junho de 1924 a dezembro de 1926). Estas disposições tornaram-se comuns, especialmente a partir de 1922, com a posse do Presidente Arthur Bernardes. Além dessas determinações, a criação da 4ª Delegacia Auxiliar durante o governo Bernardes simbolizou o auge da ação estatal repressiva (ROMANI, 2011: 161-178). Com a criação dessa delegacia, a prática política de infiltração de policiais dentro dos sindicatos e associações de trabalhadores aumentou continuamente com o objetivo de controlar os trabalhadores organizados. Se não bastasse isso, outra medida usada pelo governo foi a deportação de indesejáveis para a colônia agrícola em Clevelândia (SAMIS, 2002: 171), no estado do Amapá, uma região localizada no extremo norte do Brasil, longe dos olhos das duas maiores capitais (Rio de Janeiro e São Paulo).

A emergência desse período de maior repressão no Brasil, que foi caracterizado principalmente pelo tratamento ao estrangeiro envolvido em ações subversivas e pela criminalização da prática do anarquismo,³² deve ser considerada como o fator que motivou a ruptura da rede transnacional de comunicação entre os anarquistas italianos em São Paulo e militantes instalados na Itália e em outros lugares do mundo. É claro que a ascensão do fascismo na Itália após 1922 também precisa ser considerada como um forte determinante para essa ruptura. Após a greve de 1917, por ser considerado o líder do movimento, Gigi Damiani acabou sendo expulso e retornou à Itália em 1919, mas, sete anos depois, precisou novamente se exilar no exterior.³³ A expulsão de Ristori viria mais tarde, em junho de 1936, durante o governo autoritário de Getúlio Vargas, que o enviou para os braços do regime fascista.³⁴ Angelo Bandoni, aos 51 anos, tentou esboçar uma reação e editar novos jornais em 1919/1921 (*Germinale!* e *Alba Rossa*), mas não obteve muito sucesso. Ele permaneceu no Brasil até a sua morte em 1947. Alessandro Cerchiai permaneceu no país e publicou alguns trabalhos como *Quaderni della Libertà* com Nino Daniele no início dos anos 1930 até o sua falecimento em outubro de 1936. O maior grupo de anarquistas italianos, fundamental para desencadear o anarquismo no território

32- A prática do anarquismo no Brasil foi legalmente criminalizada em 1921 com a lei n. 4.269.

33- Depois de sua expulsão, Damiani escreveu um panfleto chamado: “I paesi nei quali non si deve emigrare: la questione sociale nel Brasile” (Os países em que não devemos emigrar: a questão social no Brasil).

34- ANRJ, Fundo Tribunal de Segurança Nacional, TSN, MJNI, Ministério da Justiça e dos Negócios Internos, (1933-39), box 292.

brasileiro, e que ajudou a unificar os primeiros sindicatos de trabalhadores com a FOSP, a Federação dos Trabalhadores de São Paulo, foi definitivamente rompido.

Considerações Finais

Anarquia. Uma vez, ao juiz que lhe pedia que definisse em poucas palavras seu ideal político, um anarquista respondeu-lhe com espírito bíblico que para ele a anarquia era a arca de Noé sem Noé. Mas outro anarquista imediatamente protestou que aquilo era reformismo e que, quando muito, a anarquia era o dilúvio universal e sem a arca. Nesse choque de chistes, defrontam-se as duas almas do anarquismo, aquela otimista e racional, e aquela romântica e niilista, le siècle des lumières e Sturm und Drang.³⁵

Com essa anedota, Masini, o maior historiador do anarquismo italiano, começa a sua definição de anarquia por meio de uma referência provocativa, é claro, à Bíblia. Mas, além dessa definição tensionada e talvez esquizofrênica, o que Masini pretendeu fazer, apontando para a oposição dentro do próprio movimento, era reafirmar essa característica como sua maior força. Desde Bakunin, que alternou continuamente a paixão nas barricadas e a insurreição popular com a organização da massa operária, exemplo seguido por seu principal discípulo italiano, Malatesta, ambos e muitos entendimentos diferentes entre esses dois polos extremos foram na história os caminhos escolhidos pela anarquia, e que resistiram até hoje. Assim, dividir o anarquismo em duas formas rígidas, insurrecionalista ou movimento de massa, não só é um erro, já que houve e ainda há grande interconexão entre essas duas categorias, mas é, exclusivamente, uma defesa ideológica da posição política dos autores que a fazem.

O que tentamos mostrar nestas poucas páginas é que a importante conexão libertária transatlântica italiana entre o Cone sul-americano, a Itália, a França e outros países não se adéqua a essa divisão classificatória. Corresponde, de fato, à produção de ações complementares promovidas por ativistas que se moviam por diferentes posições dentro do anarquismo, em defesa de uma maior liberdade individual no interior das organizações sindicais. No lugar de uma posição ideal no movimento, a maioria das

35- MASINI, 2010: 47, “Anarchia: Una volta al giudice che gli chiedeva di definire in poche parole il suo ideale politico, un anarchico rispose con spirito biblico che per lui l'anarchia era l'arca di Noè senza Noè. Ma un altro anarchico subito protestò che quello era riformismo e che semmai l'anarchia era il diluvio universale e senza l'arca., In questo scontro di battute si fronteggiano le due anime dell'anarchismo, quella ottimista e razionale e quella romantica e nihilista, le siècle des lumières e lo Sturm und Drung”.

relações baseava-se em identidades regionais. Se observamos as regiões e províncias onde grande parte dos ativistas eram provenientes, podemos identificar a Toscana como a principal localidade, seguida da Emília, Ligúria e Lazio, e das cidades situadas ao longo da costa Tirrênic. Regiões na Itália onde as federações anarquistas eram fortes desde a última década do século XIX.

No entanto, se no início de 1900 a maioria das relações ainda estava estabelecida dentro das comunidades italianas no exterior, podemos observar uma mudança significativa durante a década de 1910. Se por um lado o início da Grande Guerra aumentou o internacionalismo dentro do movimento anarquista, por outro, a relação com a comunidade nacional de militantes no Brasil foi fortalecida, passando a apoiar mais diretamente as lutas operárias.

Com este breve resumo sobre a rede anarquista italiana no Brasil, esperamos ter introduzido sua característica transnacional, naturalmente influenciada pelas identidades regionais dos ativistas, mas, principalmente, discordando de qualquer tipo de rigidez ou estreita divisão dentro do movimento. Em nossa opinião, foi a fluidez dos ativistas que lhes permitiu construir um movimento forte e persistente.

Referências

Periódicos utilizados

Germinal, São Paulo.

Guerra Sociale, São Paulo.

La Battaglia, São Paulo.

Documentos utilizados

Archivio Centrale dello Stato, ACS, Casellario Politico Centrale, CPC. b. 4342, fasc. Ristori, Oreste. Correspondência de 1º de junho de 1904, de Petrópolis. Legazione d'Italia alla Direzione Generale della PS a Roma. Protocolo 12618.

Archivio Centrale dello Stato, ACS, Casellario Politico Centrale, CPC. Bandoni, Angelo, b. 305, f. 75150.

Archivio Centrale dello Stato, ACS, Casellario Politico Centrale, CPC. Ristori, Oreste, b. 4342. Nota do Ministro do Interior, de Buenos Aires, janeiro 27, 1903. Direzione Generale della P. S. della Prefettura di Roma

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, ANRJ, IJJ 7 179 (SPE-101).

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, ANRJ, Fundo Tribunal de Segurança Nacional, TSN, MJNI, Ministério da Justiça e dos Negócios Internos, (1933-39), box 292.

Bibliografia

- ACRI, Martín Alberto; CÁCEREZ, María del Carmen Cáceres (2011), La educación libertaria en la Argentina y en México (1861-1945). Buenos Aires: Libros de Anarres.
- ADDOR, Carlos (1986), A insurreição anarquista no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Dois pontos.
- ANTONIOLI, Maurizio et al. (2004), Dizionario biografico degli anarchici italiani tomo 2. Pisa: BFS ed.
- _____; MASINI, Pier Carlo (1999), Il sol dell'avvenire. L'anarchismo in Italia dalle origini alla prima guerra mondiale (1871-1918). Pisa: BFS ed.
- BATALHA, Claudio H. M. (2004), Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República, in BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da Silva e FORTES, Alexandre Fortes (eds.); Culturas de Classe. Campinas: Ed. Unicamp.
- BAYER, Osvaldo (2003), La influencia de la inmigración italiana en el movimiento anarquista argentino, In: Los anarquistas expropiadores y otros ensayos. Buenos Aires: Editorial Planeta.
- BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e (2018^a), A educação libertária como “nova tendência revolucionária”: as experiências pedagógicas de Angelo Bandoni, Revista Latino-Americana de História, vol. 7, n. 19, jan./jul.
- ____ (2018b), O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BIONDI, Luigi (1994), La stampa anarchica in Brasile, tesi di laurea, Università La Sapienza, Rome.
- ____ (1998), Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista *La Battaglia* e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos, Cadernos AEL, Campinas, n. 8/9, p. 117-49. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/viewFile/2472/1882>.
- ____ (2012), Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas, Tempo, Niterói, n. 33, p. 75-104, doi <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042012000200004>.
- CASTRO, Manoel de (1959), Ofício de vivir. Montevideo: Banda Oriental.
- CORRÊA, Felipe (2011), Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir das visões de Michael Schmidt, Lucien van

- der Walt e Alexandre Samis In CORRÊA, Felipe (ed.); Ideologia e Estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular. São Paulo: Faísca.
- GALEANO Diego, ALBORNOZ Martin, “Anarquistas y policías en el atlántico sudamericano: una red transnacional, 1890-1910”, Boletín del Ravignani”, Buenos Aires, no. 47 (2017):101-34.
<http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/ravignani/article/download/11080/9900>
- FAUSTO, Boris (1976), Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920. São Paulo: Difel.
- FELICI, Isabelle (1994), Gli anarchici italiani di San Paolo e il problema dell'organizzazione operaia (1898-1917), In eds. BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio e PEPE, Adolfo (eds.); La Riscoperta delle Americhe. Milan: Teti ed.
- _____ (1994), Les Italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil 1890-1920 Tese (Doutorado), Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris.
- _____ (2001), La Cecilia. Histoire d'une communauté anarchiste et de son fondateur Giovanni Rossi. Lyon: Atelier de création libertaire.
- GIORDANO, Adriano Paolo (1999), L'editore errante dell'anarchia. Appunti per una biografia di Fortunato Serantoni, Rivista Storica dell'Anarchismo, Pisa, 6 n.2, p. 41-70.
- GIULIETTI, Fabrizio (2012), Storia degli anarchici italiani in età giolittiana. Milano: Franco Angeli.
- HALL, Michael M. (1975), Immigration and the early São Paulo Working-class, Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas, n, 12, p. 393-407.
- HART, John M. (1987), Anarchism & the Mexican Working Class, 1860-1931. Austin: University of Texas Press.
- HATTON, Timothy J.; WILLIAMSON, Jeffrey G. (1998), The Age of Mass Migration: Causes and Economic Impact. Oxford: Oxford University Press.
- LEVY, Carl (1989), Italian anarchism, 1870-1926, In GOODWAY, David (ed.); For Anarchism. History, Theory and Practice. London, Routledge.
- _____ (1999), Gramsci and the Anarchists. New York: Berg.
- LOPREATO, Christina (2000), O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917. São Paulo: Annablume.
- MACLACHLAN, Colin (1991), Anarchism and the Mexican Revolution: The Political Trials of Ricardo Flores Magon in the United States. Oakland, CA: University of California Press.

- MAGNANI, Silvia Lang (1982), *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)*. São Paulo: Brasiliense.
- MALATESTA, Errico (2017), *Complete works of Malatesta* In TURCATO, Davide (ed.); *A Long and Patient Work: The Anarchist Socialism of L'Agitazione, 1897–98*. Chico CA: AK Press.
- MARABINI, Tomaso; SACCHETTI, Giorgio e ZANI, Roberto (2008), *Attilio Sassi, detto bestione. Autobiografia di un sindacalista libertário*. Milano: Zero in Condotta.
- MARAM, Sheldon Leslie (1979), *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MARINI, Gualtiero (2017), *Revolução, anarquia e comunismo: às origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876)*. Tese (Pós-doutorado) PhD thesis, Universidade de Campinas, São Paulo.
- MASINI, Pier Carlo (1974), *Storia degli anarchici italiani: da Bakunin a Malatesta (1862-1892)*. Milan: Rizzoli.
- _____ (2010), *Anarchia*, in *Le parole del Novecento*. Pisa: BFS ed.
- _____ (2014), *Cafiero*. Pisa: BFS ed.
- MENEZES, Lená M. de (1996), *Os Indesejáveis – desclassificados da modernidade. Protesto crime e expulsão na capital federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- OVED, Iacoov (1997), *The Uniqueness of Anarchism in Argentina*, E.I.A.L. v. 8 n. 1. Disponível em: <http://www7.tau.ac.il/ojs/index.php/eial/article/view/1126/1156>.
- PERNICONE, Nunzio (1993), *Italian Anarchism, 1864-1892*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- RICHARDS, Vernon (2015), *Life and ideas: The Anarchist writings of Errico Malatesta*, trans. Oakland CA: PM Press.
- ROMANI, Carlo (2011), *Antecipando a era Vargas: a Revolução Paulista de 1924 e as práticas de controle político e social*, *Topoi*, Rio de Janeiro, 12, n. 23, p. 161-178, doi: /10.1590/2237-101X012023009.
- _____ (2014), *Le scuole libertarie in Brasile e Argentina nel primo Novecento: l'influenza degli emigrati italiani e iberici*, *Officina della Storia*, n. 14. Disponível em: http://www.officinadellastoria.info/magazine/index.php?option=com_content&view=article&id=398:le-scuole-libertarie-in-brasile-e-argentina-nel-primo-novecento-linfluenza-degli-emigrati-italiani-e-iberici&catid=28&Itemid=63.
- _____ (2015), *Oreste Ristori. Vita avventurosa di un anarchico tra Toscana e Sudamerica*. Pisa: BFS ed.

- SAMIS, Alexandre (2002), *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário.
- _____ (2004), *Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil*, In COLOMBO, Eduardo, et al. (eds.); *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário.
- SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien (2009), *Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism*. Chico: CA AK Press.
- SURIANO, Juan (2001), *Anarquistas: Cultura y política libertaria en Buenos Aires (1890-1910)*. Buenos Aires: Ediciones Manantial.
- THOMPSON, Edward P. (1987), *A Formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____ (1980), *Miséria da Teoria: ou um planetário de erros*. São Paulo: Brasileirise.
- TILLY, Louise (1972), *I fatti di maggio: the working class of Milan and the rebellion of 1898*, In BEZUCHA, Robert J. (ed.), *Modern European Social History*. Lexington, Mass.: D.C. Heath.
- TOLEDO, Edilene (2004), *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália 1890-1945*. Campinas: Ed. Unicamp.
- _____; BIONDI, Luigi (2010), *Constructing Syndicalism and Anarchism Globally: The Transnational Making of the Syndicalist Movement in São Paulo*, In HIRSC, Steven; VAN DER WALT, Lucien (eds.); *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The Praxis of National Liberation, Internationalism, and Social Revolution*. Leiden, Netherlands: Brill, 2010.
- TRENTO, Angelo (1984), *La dove é la raccolta del caffè: L'emigrazione italiana in Brasile, 1875-1940*. Padova: Antenore.
- _____ (2001), *Wherever We Work, that Land Is Ours: The Italian Anarchist Press and Working-Class solidarity in São Paulo* In: GABACCIA, Donna R.; OTTANELLI, Fraser M. (eds.); *Italian Workers of the World: Labor Migration and the Formation of Multiethnic States*. Chicago: University of Illinois Press.
- TURCATO, Davide (2007), *Italian Anarchism as a transnational movement 1885-1915*, IRSH n. 52, p. 407–44.
- CANALES URRIOLA, Jorge (2016), *Le valigie dell'anarchia: Percorsi e ativismo degli anarchici emiliani e romagnoli in Argentina e Brasile nella avolta di fine Ottocento*, Tese (doctorate), Università di Bologna, Bologna.

ZARAGOZA RIVERA, Gonzalo (1996), Anarquismo argentino (1876-1902). Madrid:
Ed. de la Torre.

ZUBILLAGA, Carlos (1996), Pan y trabajo. Montevideo: Librería de la Facultad de
Humanidades.